

**O polo de Piano – Casarão dos Azulejos do PRIMA: o processo de cooperação  
na implantação, consolidação e desenvolvimento do Ensino de Piano em  
Grupo em um projeto social  
Relato de experiência**

*José Edmilson Coelho Falcão  
Governo do Estado da Paraíba  
edmilson.net@gmail.com  
Priscila Silva Santana  
Universidade Federal da Paraíba  
elizanepsantana@gmail.com  
Josélia Ramalho Vieira  
Universidade Federal da Paraíba  
jramalhovieira@yahoo.com.br*

**Resumo:** Este relato de experiência trata da implantação do Polo de Piano – Casarão dos Azulejos para o Ensino de Piano em Grupo (EPG) no PRIMA (Projeto de Inclusão através da Música e das Artes) do governo do Estado da Paraíba. Inicialmente, é apresentado um histórico do referido projeto, seus objetivos, aspirações e ramificações, sendo o Casarão um dos 23 polos distribuídos dentre os 16 municípios do Estado da Paraíba. Explicita-se a parceria com a Universidade Federal através da coordenadora do PianoLab/UFPB, que forneceu apoio pedagógico, participações de bolsistas (alunos da licenciatura em música da habilitação: piano), materiais didáticos, trocas de experiências e o modelo de aplicação de estratégias da aprendizagem cooperativa aplicada ao EPG. São relatadas as ações pedagógicas e os primeiros resultados da experiência, como a Orquestra de Pianos e a aprovação de alunos para o curso superior. A música tem sido um importante instrumento de empoderamento, embora ela por si só não seja a grande responsável por tais ações e sim o seu efeito agregador, sua possibilidade de novas experiências e trocas de conhecimentos. Desta forma, acredita-se que a cooperação, tanto entre Instituições quanto entre alunos na sala de aula, pode ser um elemento importante didático em projetos sociais.

**Palavras-chave:** Projetos sociais, ensino de piano em grupo (EPG), aprendizagem cooperativa.

**PRIMA: música e cidadania**

O PRIMA – Programa de Inclusão através da Música e das Artes, segundo (NOVAIS, 2017), foi criado pelo Governo da Paraíba, com o objetivo de viabilizar a inclusão social de crianças e adolescentes em situação de risco, oriundos de comunidades de risco,

oportunizando-lhes melhorias de vida utilizando, para tanto, a música como ferramenta e meio para alcançar este objetivo. A inspiração para a criação do Prima veio do exitoso e conhecido programa criado na Venezuela, denominado Sistema de Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela, que fora criado na década de 70 pelo maestro José Antônio de Abreu, atendendo a crianças carentes em polos de ensino alocados em escolas públicas, associações e prédios históricos.

Criado em março de 2012, almejava a criação de orquestras em comunidades vulneráveis socialmente, levando-lhes a música clássica. O projeto iniciou suas atividades com 20 alunos em Cabedelo – cidade da região metropolitana de João Pessoa no Estado da Paraíba, expandindo-se com a criação de outro polo em João Pessoa. Tal projeto atingiu, em 2017 – segundo (NOVAIS, 2017) –, a quantidade de 9 cidades no Estado da Paraíba, de modo que conta com um total de 11 polos de ensino e uma equipe de 50 professores envolvidos no ensino, além de um corpo discente estimado em 200 crianças e adolescentes.

Segundo Novais (2017) “O polo é o local de atuação onde se pratica a formação da cidadania através da música”. Com funcionamento diário, o objetivo de cada polo visa sedimentar valores para a formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

O oboísta e maestro brasileiro Alex Klein, com experiência internacional com orquestras nos Estados Unidos, foi o primeiro diretor geral do Prima, segundo afirma Novais (2017) em seu trabalho de conclusão de curso; ele atuou durante 4 anos passando a direção do programa para a flautista Priscila Santana e, posteriormente, para o Cantor e Compositor Milton Dornellas.

O Programa de Inclusão Social através da Música e das Artes (Prima) – criado pelo Governo do Estado da Paraíba –, conta atualmente com um total de 23 polos distribuídos em 16 municípios do Litoral ao Sertão do Estado (Casarão dos Azulejos-Piano; Bananeiras; Cabedelo; Cajazeiras; Campina Grande; Catolé do Rocha; Conde; Guarabira; Itaporanga; Monteiro; Patos; Sousa; Pedras de Fogo; Picuí; Santa Rita; Sapé; Gramame; Penha; Alto do Mateus; Cidade Verde; Novais). Segundo o último levantamento feito no início do ano em curso, o programa atinge, com suas ações, cerca de 1.023 alunos inscritos.

O Prima se tornou uma política de Estado no dia 27 de dezembro de 2018, mediante a aprovação do projeto de Lei 2.051/2018 de autoria do Governo do Estado, aprovado na Assembleia Legislativa no dia 27 de dezembro de 2018.

A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) aprovou, durante sessão realizada nesta quinta-feira (27), o Projeto de Lei que torna o Programa de Inclusão através da Música e Artes (PRIMA) política de Estado. Os parlamentares apreciaram ainda mais de 170 matérias durante a reunião. O Projeto de Lei 2051/2018, de autoria do Governo do Estado, trata da inclusão de crianças e jovens através da música e da arte. O objetivo da matéria, de acordo com o Poder Executivo, é instituir o ensino da música e de outras linguagens artísticas em política de Estado. (PARAÍBA, 2018)

A aprovação do projeto de Lei 20051/2018, que tornou o programa em Política Pública do Governo do através da Secretaria de Estado da Educação, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, veio como um reconhecimento do exitoso trabalho das ações de inclusão feitas pelo Prima em todo o Estado. O Prima hoje é, provavelmente, um dos maiores programas de inclusão social através da música no país. Atualmente, sob a direção geral do Sr. Lau Siqueira.

### **Ensino de Música em projetos sociais**

Música e cidadania são dois termos que têm andado lado a lado dentro de projetos sociais. O uso da música como um caminho para o despertar da cidadania tem sido praticado e pesquisado como um fenômeno emergente dentro das áreas (HIKIJI, 2006; KLEBER, 2006; SANTANA, 2018; SANTOS, 2006; SOUZA, 2004, 2014). Tais trabalhos vêm abordando a crescente ação dos projetos sociais dentro de comunidades marcadas pela ausência do Estado e que, somado ao histórico de desigualdade social no Brasil demarcam a grande demanda de bens materiais e simbólicos destas localidades.

Diante deste contexto, o estudo da música torna-se um fator mais difícil para tais populações, posto que, na lógica de sobrevivência diária, a música pode parecer um privilégio, especialmente no âmbito de instrumentos orquestrais, cujo histórico mostra que foram usados pela “nobreza”, de modo que o seu status social – ligado às belas-artes e a altos custos –, tornou-se ainda mais distante desta realidade. No que tange ao piano, ele se tornou um símbolo do poder sociopolítico da classe burguesa durante a industrialização do Brasil no início do século XX, como enfatiza Amato:

No Brasil, o valor atribuído ao piano, instrumento caro e não-portátil, gerou novos hábitos sócio culturais, com a difusão de professores particulares (geralmente imigrantes), de cursos, saraus, recitais de piano, sociedades, lojas de música e a criação dos conservatórios musicais (AMATO, 2008, p. 173).

Outra característica simbólica na história do ensino do piano é sua associação ao gênero feminino (AMATO, 2008; TOFFANO, 2007), na Paraíba, não foi diferente. Camacho (2013) em sua tese sobre o ensino de piano no Estado, entre os anos de 1945 e 1985, enfatiza que uma parte considerável do ensino de piano era realizada nos colégios confessionais, estritamente para mulheres.

Tais colégios religiosos se tornaram responsáveis pela formação de muitas professoras de piano que alguns anos depois passaram a atuar neles, como também, nas escolas de música existentes, como por exemplo, nas primeiras escolas especializadas de música que surgiram [...] como [...] a Escola de Música Anthenor Navarro e do Conservatório Paraibano de Música (CAMACHO, 2013, p. 266).

Ao longo do século XX, o ensino do piano foi ficando cada vez mais paritário. Principalmente, nos projetos sociais que tem tornado este acesso mais democrático e acessível, atuando, normalmente, dentro da própria comunidade, oferecendo aulas e instrumentos gratuitamente.

Kleber (2006) em seu importante estudo sobre dois projetos sociais que atuam com música aponta a função deste não somente no sentido de facilitar o acesso às aulas de música, mas principalmente de promover uma transformação social em seus alunos: a transformação de hábitos, valores, a capacidade do trabalho em conjunto e como o afeto das relações nestes ambientes os ajudaram a devolver a dignidade e reconstruir sua identidade. Corroborando os estudos de Kleber, Hikiji (2006, p. 170), em sua pesquisa acerca das ações do Projeto Guri<sup>1</sup> dentro da Febem, aborda como a música auxilia na socialização dos alunos em diferentes formas, eles desenvolvem: “o sentimento de conjunto, concentração, cooperação, comunicação, superação de dificuldades, autoconfiança, prazer. O tempo não estava ‘morto’ mas vivido intensamente”.

---

<sup>1</sup> O Programa Guri é uma ação de educação musical e de inclusão sociocultural de crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 18 anos no Estado de São Paulo.

A música tem sido um importante instrumento de empoderamento, embora ela, por si só, não seja a grande responsável por tais ações e sim o seu efeito agregador, sua possibilidade de novas experiências, trocas e conhecimentos. Somada ao olhar desta como um fenômeno social, não como entretenimento, mas como um direito importante para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional na sociedade. Uma concepção:

[...] pautada na música como um fator social que transforma e é transformado, que dialoga com os seus contextos e aqueles que o habitam. Não como um privilégio de poucos, mas como um direito que pode abrir a consciência e o senso crítico para reivindicar os demais direitos básicos e possibilitar novas lentes de enxergar o mundo. (SANTANA, 2018, p. 12)

Neste sentido, os projetos sociais ressignificam o sentido e a função que a música e a cultura têm para a sociedade, transformando-se em um instrumento de conhecimento e emancipação, um sentido inclusivo e humanístico que a educação musical carrega nesses ambientes. Embora este possa abrir uma porta para o aluno tocar um instrumento e ser um profissional da música, também poderá abrir a porta de uma nova visão dele mesmo, de sua comunidade e, conseqüentemente, do mundo. Neste contexto, ao se mudar o mundo, será iniciada a mudança de sua própria vida e do seu entorno.

### **Ensino de Piano em Grupo: pequeno histórico**

Uma das características do ensino de música em projetos sociais é o procedimento de aulas em grupo para todos os instrumentos, assim como a inclusão de alunos iniciantes em orquestra, grupo de câmara ou banda. Estas ações fazem com que a música seja vivenciada mais rapidamente, de modo que a troca de experiências seja mais rica.

O ensino de piano, no Brasil, até pouco tempo seguiu o modelo de ensino individual. O modelo de EPG só foi difundido no nosso país a partir de 1973, primeiramente no sudeste, depois em todo o território nacional através de oficinas oferecidas pelos professores Abigail Rodrigues Silva, Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves, Sílvia Merhy e Verhaleen (REINOSO, 2012). Na sua tese de doutorado, Vieira aponta, além das oficinas, os seguintes motivos para a consolidação da área do EPG no Brasil:

**a)** a chegada ao Brasil de professores que fizeram pós-graduação nos Estados Unidos e que, de alguma maneira, entraram em contato com o ensino em grupo; **b)** a abertura de novos cursos de pós-graduação em música durante a década de 90 e início do séc. XXI que fez aumentar a produção científica no Brasil; **c)** a criação e consolidação de Associações como a ANPPOM (1988) e ABEM (1991) através das suas publicações, encontros e congressos, notadamente os minicursos sobre piano em grupo ministrados por Maria Isabel Montandon; **d)** o aumento no número de alunos nos cursos superiores de música e **e)** o Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento (ano X) e o I e II Encontro Internacional de Piano em Grupo, em 2010 e 2012, respectivamente. (VIEIRA, 2017, p.99, grifos nossos).

Alguns professores do nosso estado fizeram parte de oficinas, outros fizeram pós-graduação fora, de modo que também fomos influenciados a implantar o EPG. Seguindo esta premissa, foi criado o PianoLab/UFPB, em 2009. O espaço tem se mantido ativo no sentido pedagógico, haja vista que atua tanto ensinando a tocar instrumentos para graduandos e comunidade (através de extensões), quanto, num sentido mais amplo, divulgando o EPG, oferecendo bolsas para os programas de extensão (PROBEX) e de licenciatura (PROLICEN) – voltados à capacitação de alunos do curso de licenciatura para trabalhar no contexto do EPG dentro e fora da Universidade. Neste sentido, surgiu a parceria com o PRIMA.

### **Polo de Piano – Casarão dos Azulejos: uma parceria com a Universidade**

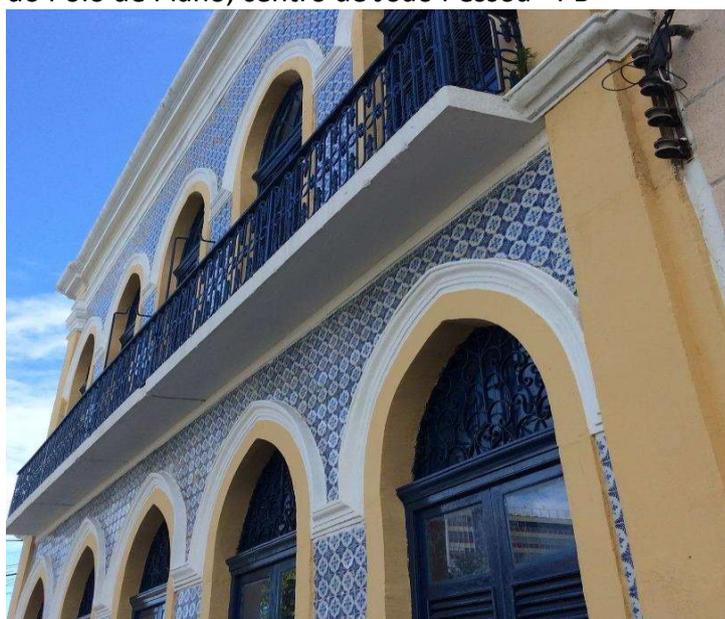
O Polo de Piano – Casarão dos Azulejos foi criado no primeiro semestre de 2018, a partir da parceria firmada entre o PRIMA e o PianoLab/UFPB – Laboratório de Pianos da Universidade Federal da Paraíba, pelos então Diretores do Prima, Milton Dornellas e Priscila Santana, com a Prof<sup>a</sup>. Josélia Vieira Ramalho, coordenadora do laboratório. O polo iniciou formalmente no dia 03 de maio com um concerto de pianos com as professoras Josélia Vieira Ramalho e Haruê Tanaka, ambas da UFPB, e o Lic. José Edmilson Coelho Falcão, egresso da mesma Universidade que, posteriormente, passou a atuar como professor do Polo de Piano. A solenidade contou com a presença do então Governador do Estado da Paraíba, Sr. Ricardo Coutinho e o secretário da subsecretaria de cultura, Lau Siqueira, além de toda a equipe do PRIMA.

Para chegar neste momento, houve uma série de conversas entre os diretores e a coordenadora do PianoLab/UFPB que, em um primeiro momento, fez o papel de consultora

sobre ensino de piano. Nos polos, os pianos estavam sendo utilizados para aulas de teoria, acompanhamento para professores de outros instrumentos ou para correpetição de coral, pois havia escassez de alunos e descontinuidade nos estudos<sup>2</sup>. Por um lado, a direção do projeto ansiava por capacitar professores de piano nos polos espalhados pelo Estado. Por outro, a coordenadora do PianoLab/UFPB sustentava que valia a pena colocar vários pianos juntos para o EPG, de modo a especializar o ensino.

Prevaleceu, então, a sugestão de se criar um Polo apenas para o ensino do piano, surge o Polo de Piano – Casarão dos Azulejos, assim denominado por ocupar uma das salas do prédio histórico assim conhecido, construído no século XVIII (FIGURA 1), foi necessário recolher os instrumentos espalhados pelo Estado e alocá-los no Casarão. Em seus lugares, nos Polos, foram providenciados teclados eletrônicos de 88 teclas.

**FIGURA 1** – Visão externa do Casarão dos Azulejos Sede do PRIMA e do Polo de Piano, centro de João Pessoa - PB



Fonte: Própria, 2018.

O casarão serviu, no passado, como residência do comendador Antônio Santos Coelho, todo revestido com azulejos portugueses em tons azuis, trazidos da fábrica Devezas – da cidade do Porto, Portugal. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

---

<sup>2</sup> Sendo o instrumento piano, em 5 anos de atuação do projeto, o único que não tinha conseguido aprovar nenhum aluno em curso superior.

do Estado da Paraíba (IPHAEP), em 26 de agosto de 1980, o Casarão dos Azulejos, sito à Rua Conselheiro Henriques, 159 – Centro, que também se tornou sede oficial do Prima.

Neste ambiente, foi instalado o Polo de Piano – Casarão dos Azulejos com dez pianos digitais da série 695GP da fabricante Yamaha, dos quais apenas oito estão com condições de uso. Após um mês de divulgação nas Escolas Públicas e nas comunidades do entorno do Casarão, como Associações de Bairros, além dos professores e alunos do Projeto, as atividades foram iniciadas. Foram oferecidas, inicialmente, 16 vagas, sem pré-requisito para matrícula, a não ser o de estar matriculado na rede pública de ensino.

### **Perfil dos alunos**

Os alunos, estudantes da rede pública de ensino de João Pessoa e adjacências, foram selecionados por faixa etária resultando em três turmas. A turma 1, com alunos de 07 a 13 anos; a turma 2, de 14 a 19 anos e a turma 3, com alunos acima de 19 anos que pretendiam concorrer a uma vaga nos cursos de graduação na Universidade Federal da Paraíba. Isto é, havia alunos com e sem experiência.

### **EPG no Polo**

As aulas no Polo de Piano – Casarão dos Azulejos são ministradas por uma equipe, o professor do polo, bolsistas da Universidade e a coordenadora do PianoLab/UFPB. As aulas acontecem em dois dias por semana, o intuito é o de maximizar o contato direto com o piano, haja vista que, em quase sua totalidade, os alunos não possuem o instrumento em casa. Desta forma, na primeira aula é dado conteúdo novo e, na segunda, prática orientada. A turma de preparação para o processo seletivo de conhecimento específico (PSCE), exigido para a entrada na Universidade, tem uma dinâmica diferenciada, com uma aula por semana de 120 minutos.

A aprendizagem dos alunos acontece de forma dirigida através de atividades propostas a partir da prática em conjunto e individual do repertório proposto. Além de ações fora do Polo, como idas a recitais, masterclasses e participação em eventos musicais.

## Um pouco de tecnologia

São utilizados recursos tecnológicos para auxiliar nas partes pedagógicas durante as aulas, tais como: monitor de TV conectada ao notebook (FIGURA 2), onde é explorada a parte visual como visualizações de livros digitais, os e-books específicos para o ensino de piano; vídeos do *youtube* e uso de *softwares* musicais específicos fornecidos pela parceria do PianoLab/UFPB, como *Classroom Maestro* que, conectado ao piano, projeta na tela a posição da mão, notas, uso do pedal etc. As redes sociais, principalmente o Whatsapp, também são utilizadas tanto para a comunicação quanto para o envio de atividades.

**FIGURA 2** – Turma 1 do Polo de Piano em aula de EPG



Fonte: Própria, 2018.

## Abordagem Pedagógica: a cooperação no EPG

Como dito anteriormente, a música é um fator social com efeito agregador, portanto, já existe um certo sentido de cooperação e colaboração perpassando o fazer musical, de modo que parece lógico utilizar este sentido de grupo e explorá-lo através da aprendizagem cooperativa.

Este tipo de aprendizagem tem suas raízes na psicologia social e podemos conceituar como uma abordagem para o ensino-aprendizagem em sala de aula que é

centrada no aluno e centrada no grupo, apesar de não ser centrada no professor, este é essencial para a condução e a aprendizagem na sala de aula (SHARAN, 1999; VIEIRA, 2017). Temos que explicitar que,

[...] sob a expressão genérica de *aprendizagem cooperativa*, encontram-se perspectivas teóricas diferentes: pedagógicas, psicológico-evolutivo, motivacionais”, porém, o foco das pesquisas e aplicação da aprendizagem cooperativa sempre é o grupo “como meio para o desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo (AJELLO, 2005, p. 38).

Apesar de ser bastante utilizado como equivalentes, os termos colaboração e cooperação diferem conceitualmente. No primeiro o processo de interação entre o grupo é mais aberto. Já o segundo, a figura do professor como organizador é essencial. Desta forma, podemos citar o conceito segundo o qual a aprendizagem cooperativa

[...] trata-se de um conjunto de técnicas e processos que os alunos utilizam com uma maior organização dentro do grupo de estudo para a concretização de um objetivo final ou a realização de uma tarefa específica. É um processo mais direcionado do que o processo de colaboração e mais controlado pelo professor (TORRES; IRALA, 2007, p.74).

Este conjunto de técnicas e processos denominamos de “estratégias”, segundo Vieira (2017) podem ter raízes de acordo com três perspectivas teóricas: a) cognitiva; b) interdependência social social e c) comportamental. Enquanto na linha teórica motivacional os membros do grupo se ajudam mutuamente por interesse próprio, pois está calcada no modelo de motivação baseada em recompensas, com uma perspectiva de coesão social, a motivação é intrínseca, e, na cognitiva, é baseada na interação entre pares (tutoria entre pares).

Há certas condições mais favoráveis para que uma ou outra funcione melhor. Por exemplo, as perspectivas motivacionais e de coesão social tomam lugar, na maioria das vezes, em sala de aula reais e por um longo período para que mostrem seus efeitos. Já os estudos que tomam por base as perspectivas teóricas desenvolvimentistas e cognitiva tendem a ser mais curtos e utilizam grupos de dois alunos (VIEIRA, 2017, p. 46).

No projeto, adotamos um pensamento de longo prazo, posto que a perspectiva de coesão social – isto é, o sucesso individual – não tem sentido se não é acompanhado pelo sucesso do grupo. Um grupo formado nesta perspectiva tem, como características:

a) preparação prévia para o trabalho cooperativo; b) autoavaliação do grupo durante e após as atividades; c) confiança na interação do grupo para melhora do desempenho individual; d) não utilização de recompensas de incentivos (SLAVIN, 2000/2004, p. 536).

Para que um grupo se torne cooperativo é necessário, segundo os irmãos Johnson, a presença de cinco elementos essenciais: 1. Interdependência positiva; 2. Responsabilidade individual; 3. Interações face a face; 4. Habilidades Sociais e 5. Autorreflexão de grupo. Sendo da responsabilidade do professor implementar tais elementos na dinâmica da sala de aula. O domínio desses elementos essenciais da aprendizagem cooperativa é estruturado dentro de situações específicas que podem auxiliar o professor a conduzir o grupo a atingir seu potencial (JOHNSON; JOHNSON, 1999).

Portanto, é no âmbito dessas perspectivas teóricas da aprendizagem cooperativa que os conteúdos são expostos para os alunos, tendo como base tanto o repertório, quanto elementos de musicalização.

Percebe-se que os alunos estão cooperando um com o outro, compartilhando a sua experiência no aprendizado da atividade proposta em sala (FIGURA 2). Outra estratégia comumente utilizada no Polo é a do “quebra-cabeças”, quando cada dupla aprende uma parte do conteúdo e depois compartilha o conhecimento com os demais grupos. Esta estratégia funciona muito bem na aprendizagem de músicas divididas em partes e, também, para ampliar o repertório técnico-motor, quando cada dupla aprende um conteúdo tornando-se “especialista” e depois compartilhando sua *expertise*.

## **A Orquestra de Piano**

A abordagem pedagógica calcada no EPG (Ensino de Piano em Grupo), aplicando a aprendizagem cooperativa durante as aulas, culminou com a criação da primeira orquestra de piano do Estado da Paraíba, composta por todos os alunos distribuídos em 8 pianos em duplas e trios tocando simultaneamente um repertório escrito e desenvolvido para que cada aluno (aplicando o conhecimento adquirido) pudesse tocar de forma conjunta.

**FIGURA 3** – Orquestra de Pianos em concerto na Praça do Povo



Fonte: Própria, 2018.

A orquestra de Piano do Prima se apresentou em três ocasiões, durante o primeiro semestre de atividades. Primeiramente, no âmbito da sala de aula, tocou no encerramento do semestre para pais e convidados. Depois, na abertura do FEPAC (Festival Paraibano de Coros), em novembro de 2018, acompanhando o “Grande Coro Evangélico da Paraíba” com 250 vozes, regido pelo professor do polo de piano Prima, maestro Edmilson Falcão, em uma Sala de Concertos. Finalmente, a Orquestra de Pianos teve a sua principal apresentação, com todo o seu repertório, no Grande Concerto de final de ano, que reúne alunos de todos os polos, formando uma grande orquestra e coral infantil composto por alunos do Prima em um grande espaço de cultura da capital (FIGURA 3)

### **Do Projeto para a Universidade**

A turma do Polo de Piano do Prima, formada por alunos que, na ocasião já haviam concluído o ensino médio, e cujo programa era viabilizar a inclusão destes no ensino superior de música, especificamente em obter uma vaga nos cursos de graduação em música da Universidade Federal da Paraíba, culminou com a aprovação de 3 desses alunos do polo de piano, no curso de licenciatura em música da referida instituição. O ingresso desses alunos no ensino superior se tornou um dos grandes êxitos da parceria entre o Projeto e a Universidade que, durante todo o ano, orientou os alunos da referida turma de forma direta e objetiva, possibilitando aos alunos a aprovação a oportunidade de serem incluídos no universo acadêmico do conhecimento científico, ampliando as possibilidades de crescimento pessoal de todos eles.

## Considerações finais

Em suma, podemos sinalizar que, apesar de o instrumento piano ter uma herança elitista, é possível a inclusão deste em projetos sociais modificando o ensino individual por grupo e tendo, como perspectiva pedagógica, a aprendizagem cooperativa. Para tanto, é necessário guiar-se por um modelo pedagógico inclusivo que promova a coesão social e a equidade no grupo como meta.

Este tipo de aprendizagem valoriza o indivíduo e propicia o fortalecimento do grupo, dando segurança aos alunos no processo de construção do conhecimento e os encorajando através de uma participação efetiva no âmbito de todas as atividades propostas em sala de aula.

Neste mesmo sentido, é igualmente importante a troca de saberes entre o que se faz e se pesquisa na Universidade com outras ações da sociedade, principalmente quanto a projetos sociais que objetivam viabilizar e discutir a cidadania através da música e das artes. Desta forma, são fortalecidos tanto os alunos em formação – haja vista a possibilidade de vivenciar, na prática, uma nova forma de ensinar piano em grupo –, quanto os professores do polo e os alunos atendidos.

## Referências

AMATO, Rita de Cássia. Fucci. *O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 17, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: 2007.

CAMACHO, Vânia Camacho. *O ensino de Piano na Paraíba: Memórias, lugares e práticas musicais (1945-1985)*. 2013. 278f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

HIKIJ, Rose. Música para matar o tempo: Intervalo, suspensão e imersão. *Mana*, v.12, p. 151-178, 2006.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. *Learning Together and Alone: Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning*. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1999.

KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGs: Dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 2006. 334f. Tese (Doutorado em música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NOVAIS, Alexia Priscila Souza. *O papel transformador da Música no Prima (Programa de Inclusão através da Música e das Artes) do Polo Guarabira/PB*. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, 2017.

REINOSO, Ana Paula T. *O ensino de piano em grupo em Universidades Brasileiras*. 2012. 100f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

SANTANA, Elizane. Cidadania e projetos sócio-orquestrais. *In: Encontro Regional Nordeste da Associação Brasileira de Educação Musical, 14., 2018, Salvador. Anais...* Salvador: ABEM, 2018.

SANTOS, Carla. Projetos sociais em educação musical: uma perspectiva para o ensino e aprendizagem da música. *In: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), 2006, Brasília. Anais...*Brasília: 2006, p. 108-112.

SHARAN, Shlomo. Cooperative learning and the teacher. *In: SHARAN, S. (Ed.) Handbook of Cooperative Learning Methods*. Westport, CT: Greenwood Press, 1999, p. 336-348.

SLAVIN, Robert. Research on cooperative learning and achievement. *In: SMITH, P. e PELLEGRINI, A.D (Org). Psychology of education: major themes*. Londres/Nova Iorque: RoutledgeFalmer, 2000. Nova Iorque: Taylor & Francis e-Library, 2004, p. 533-561.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar., 2004.

SOUZA, Jusamara. Música em projetos sociais: a perspectiva da sociologia da educação musical. *In: SOUZA, Jusamara et al. Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 11-26.

TOFFANO, Jaci. *As pianistas dos anos 1920 e a geração jet-lag – O paradoxo feminista*. Brasília: Editora UnB, 2007.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano F. Aprendizagem colaborativa. *In: TORRES, P.L. (Org.). Algumas vias para entretecer o pensar e o agir*. Curitiba: SENAR, 2007, p. 65-95.

VIEIRA, Josélia Ramalho. VIEIRA, Josélia Ramalho. *Efeitos da aprendizagem cooperativa no ensino de piano em grupo para licenciados em música: uma pesquisa experimental*. 266 fl. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.